

Sacrifício de Sangue

A Casa das Comarré: Livro 2

Kristen Painter

Flesh and Blood

Traduzido do inglês por
Elsa T. S. Vieira

ASA

CAPÍTULO UM

Paradise City, Nova Florida, 2067

Tatiana tinha de morrer. O pensamento impulsionou Chrysabelle até ter os ombros a arder e os braços a tremer. A sua *t-shirt* branca e fina estava encharcada em suor, bem como o cabelo, mas por mais vezes que socasse o pesado saco de boxe, por mais que castigasse o corpo, nada mudava. A sua mãe continuava morta. Tatiana continuava viva. E Chrysabelle ainda estava em dívida para com Malk pela promessa que lhe fizera.

Esmurrou o saco de boxe, uma e outra vez. A imagem da mãe a morrer nos seus braços ainda a perseguia. Bateu com mais força, mas a sua consciência devolveu os golpes, carregada com o peso da culpa pela dívida não paga.

Malk ajudara-a quando ela precisara. E Chrysabelle não fizera nada para cumprir o seu lado do acordo. Mal se falaram nas duas últimas semanas, desde que tinham voltado de Corvinestri. Ele não tinha culpa de Maris estar morta. A culpa era de Tatiana. A vida de comarré ensinava que a vingança era vã.

Chrysabelle, porém, estava a começar a pensar de outra forma.

Bateu novamente no saco, depois girou sobre si própria e desferiu um pontapé, com um grunhido de raiva. Baixou as mãos e olhou para o saco, sem o ver. Via apenas a confusão com a qual tinha de lidar.

Virou costas ao saco e afastou o cabelo molhado do rosto. Devia estar lá em baixo, a ler os diários que Maris deixara, a tentar encontrar alguma fraqueza dos vampiros que pudesse explorar para apanhar Tatiana. Em vez disso, estava escondida no ginásio. Escondida, não. A treinar. Para quando encontrasse novamente a vampira que matara a sua mãe. E, com a aliança entre humanos e alternaturais quebrada, estar preparada para lutar seria importante.

Tal como Malk pensava que encontrar uma forma de remover a sua maldição era importante. E era. Virou-se outra vez para o saco e deu-lhe mais um soco. A maioria das comarré nem sonharia em criar tamanha tensão entre elas e o seu patrono. Não que a maioria das comarré tivesse um vampiro anátema como patrono. Se é que Malk ainda era o seu patrono. Suspirou. A sua vida era uma confusão *total*.

— Argh! — Rodopiou e pontapeou o saco, fazendo saltar gotas de suor. Velimai, a ex-assistente da mãe dela e agora sua, estava à porta, a assistir.

A tua mãe adorava lutar com esse saco, disse Velimai por gestos, com expressão saudosa.

— Ajuda um bocadinho. — Chrysabelle sorriu à fae-fátua. Ambas sentiam a falta de Maris. A sua presença ainda enchia a casa.

Velimai acenou, movendo os dedos. *Estás pronta para o jantar?* As fátuas eram mudas, à exceção de um grito ensurdecedor capaz de matar vampiros.

— É bife? — perguntou Chrysabelle, esperançada. Sem patrono que a mordesse, a carne, de todos os alimentos que já experimentara, parecia ser o melhor para manter as forças e os sentidos superiores aos dos humanos. Não admirava que fosse o prato de eleição na maioria das casas de comarré.

Que havia de ser?, respondeu Velimai, com um sorriso. Desde que não mexesse os dedos demasiado depressa, Chrysabelle conseguia compreender a maior parte do que ela dizia.

— Vou tomar um duche rápido e desço dentro de cinco minutos. — Começou a arrancar a fita adesiva das mãos com os dentes.

Podes demorar dez, gesticulou Velimai, e saiu.

O duche quente soube-lhe bem, mas sozinha no meio do vapor, Chrysabelle tinha demasiado tempo para pensar.

Enviara o seu sangue a Malk, não só porque era a coisa apropriada a fazer por um patrono — por mais duvidosa que fosse a posse dos direitos de sangue dela —, mas porque tinha de o escoar do seu sistema, de qualquer maneira. Segundo Doc, o companheiro de Malk, os esforços dela eram inúteis. Malk deixara o sangue no frigorífico da cozinha do barco abandonado a que chamava casa, sem lhe tocar. Tal-

vez pensasse que tinha de a beijar outra vez se consumisse o sangue. Fez uma careta ao recordá-lo e abriu mais a torneira da água fria. Não, nenhum deles queria repetir isso. Chrysabelle não sabia o que ele estaria a fazer para arranjar sangue. Queria fingir que não se importava, mas era mentira. A preocupação com o patrono era algo entranhado no seu ser. Cento e quinze anos de doutrinação como comarré eram difíceis de ignorar. A luta entre quem ela queria ser e quem era desenrolava-se em todas as decisões do dia-a-dia. Quantos anos seriam precisos até pensar em si própria, não como uma comarré, mas simplesmente como uma mulher?

Lavou o sabonete do corpo, deixando a água bater-lhe na pele. Os seus pensamentos voltaram a Malk. Pensaria ele que ela o traía? Esperava que não, esperava que ele percebesse que ela estava apenas à espera da altura certa. Voltar a Corvinestri agora seria muito perigoso para ambos. Com certeza que ele sabia disso.

Também não lhe parecia que Malk estivesse com muita pressa para enfrentar novamente Tatiana, depois de descobrir que era ela a responsável pela sua maldição. Provavelmente tinha tanta vontade de a matar como Chrysabelle.

Como seria, ver a mulher com quem fora casado virar-se contra ele daquela maneira? Já era suficientemente mau que a vampira tivesse matado Maris e destruído a aliança, mas Malk tivera de estar cara a cara com a mulher que fora sua esposa quando eram mortais, apenas para descobrir que ela era a responsável pelos seus anos de prisão e pela sua maldição...

Talvez a vida de Chrysabelle não fosse a única que era uma confusão.

Fechou a torneira, pegou numa toalha e limpou-se antes de secar o cabelo. Enfiou um roupão e abriu a porta. O cheiro delicioso do bife fez o seu estômago roncar. Desceu as escadas, pronta para atacar.

Depois de jantar, instalou-se no sofá com um dos diários de Maris, mas a sua mente insistia em voltar a Malk. Precisava de uma distração.

— Ligar ecrã. — A parede à sua frente tremeluziu e ganhou vida, e o noticiário foi projetado na sala de estar com precisão holográfica.

— ...um ex-soldado em Pequena Havana, que prega todas as noites em frente da igreja católica abandonada. A sua mensagem? Os vampiros têm de ser purificados.

O apresentador sorriu como se também não estivesse à espera que os espetadores acreditassem em vampiros. Idiota. Chrysabelle viu as filmagens que acompanhavam a história. Havia algo familiar na cabeça rapada e no brilho daquelas placas de identificação militares, mas não conseguia identificar o quê. O que sabia era que o ex-soldado não era humano. Era um marginal, uma classe de vampiro menos poderosa, em comparação com os nobres, mas ainda assim um vampiro. O apresentador não conseguiria percebê-lo? Ou, como uma boa parte dos seus espetadores, preferia não acreditar?

— *Uma mulher num supermercado Publix de Coral Gables afirma que o homem atrás dela, na fila, tinha cornos.* — O rosto da mulher apareceu no pequeno ecrã por cima da cabeça do apresentador. — *«Ele tinha pele cinzenta e muitos brincos de prata e cornos! Cornos!»* — Fez movimentos em espiral com as mãos ao lado da cabeça. — *«E ainda não estamos no Halloween!»*

Um fae-sombra a comprar ovos e leite era a menor das preocupações daquela mulher. O que fariam as pessoas quando o Halloween tivesse passado e os monstros continuassem a aparecer? Faltavam menos de duas semanas para o feriado.

A câmara focou-se de novo no apresentador.

— *Cada vez surgem mais relatos, em toda a Nova Florida, de avisamentos estranhos como este. Se viu alguma coisa invulgar na sua zona, ligue para a nossa linha...*

Chrysabelle mudou de canal, para outra estação noticiosa local.

— *Hoje, num comunicado de imprensa, a presidente da câmara Diaz-White anunciou que vai formar uma comissão para investigar o que só pode ser descrito como os acontecimentos paranormais que têm tido lugar na cidade, embora a presidente afirme que todos os incidentes têm uma explicação.*

— Apagar ecrã. — A imagem holográfica desapareceu. Chrysabelle já vira o suficiente. Paradise City estava apenas a começar a acordar para a nova realidade que todo o mundo enfrentava, agora que a aliança fora quebrada. À medida que os dias passavam, o embate inevitável entre as forças da luz e das trevas continuaria, agravando-se até ao ponto em que ninguém poderia negar o que se passava. Por mais que a presidente da câmara falasse em explicações lógicas.

O que fez Chrysabelle pensar novamente em Tatiana. Existiria algum vampiro mais cruel, maquinador e ambicioso? Duvidava. Tatiana matara Maris como parte do ritual que destruía a aliança, mas Chrysabelle conseguira impedi-la de ficar com o anel do sofrimento. Quanto tempo demoraria Tatiana a fazer uma nova tentativa para o obter? O anel estava em segurança, mas Chrysabelle pensara várias vezes em destruí-lo, nestas últimas semanas. Se pudesse ter a certeza de qual era o seu poder, para perceber se a sua destruição não causaria ainda mais danos ao mundo que os rodeava...

As espirais douradas tatuadas na sua pele cintilaram suavemente enquanto esfregava com o polegar o anel no dedo anelar. Um clique abria uma lâmina minúscula, suficientemente afiada para perfurar uma veia e escoar o excesso de sangue do seu sistema. Aquelas que nasciam para a vida de comarré, criadas para satisfazer as necessidades dos vampiros que adquiriam os seus direitos de sangue e cobertas de tatuagens, os *signum* dourados que purificavam o seu sangue, produziam-no em abundância, rico, puro e poderoso. Sem um patrono, o excesso de sangue deixá-la-ia doente, envenenando o seu sistema até a enlouquecer. Já estivera perto disso uma vez, e fora mais do que suficiente.

Ergueu o pulso para a luz. As veias pulsavam, grossas e azuis. Precisava de escoar o excesso. Talvez fosse por isso que andava a pensar tanto em Malk nos últimos dias.

Maris dissera-lhe que, com o tempo, o seu sistema se adaptaria, mas Chrysabelle já por duas vezes retirara sangue para alimentar Malk, e por duas vezes ele a beijara em troca, dando a Chrysabelle a infusão de poder que lhe era devida. Esses beijos tinham mantido a produção de sangue no seu corpo. E mantinham-na a pensar nele.

Escoaria o sangue para o lavatório, lavá-lo-ia com água. E os pensamentos sobre Malk iriam também pelo cano abaixo. Suspirou baixinho e desejou que ele fosse assim tão fácil de esquecer. Mas não era. Nem de longe. Levantou-se e dirigiu-se à cozinha. O que era mais um recipiente no frigorífico, entre os outros? O sangue dela era valioso, quer Malk o quisesse ou não.

— Isto vai doer, minha querida. Tens a certeza de que consegues aguentar a dor?

— Já me disseste que vai doer. E eu já te disse que sou capaz de aguentar mais dor do que tu alguma vez sonharias. — Tatiana lançou um olhar irado a Zafir. — Achas que foi agradável quando a puta comarré me cortou a mão? — Ou aquilo que suportara nas garras dos Castus Sanguis? Ele não fazia ideia.

— *Laa*, minha querida, claro que não. — As suas pestanas pretas compridas estremeceram contra a pele morena do rosto. — Queria apenas preparar-te.

— Faz o que tens a fazer e não te preocupes comigo. — Deitou-se na marquesa no laboratório de Zafir, com a cabeça em cima do casaco dobrado, a mão que lhe restava apoiada no peito, por cima do medalhão escondido pela blusa. Zafir e o irmão, Nasir, eram ambos excecionalmente belos, uma beleza morena e oriental, mas segundo Lorde Ivan, que a enviara aqui, Zafir era o mais circunspecto do talentoso duo. E, neste assunto, a discrição era de extrema importância. Poucos sabiam que a sua mão fora decepada, e Tatiana tencionava manter toda a gente na ignorância. Os criados que tinham descoberto haviam sido despachados, exceto Octavian, o chefe do pessoal doméstico. Recusava-se, fossem quais fossem as circunstâncias, a parecer incapaz ou em desvantagem. Tencionava um dia ocupar a posição de Dominus que pertencia agora a Lorde Ivan e nada, *nada* a impediria. Em breve renovaria a sua posição aos olhos dos Castus. Mostrar-lhes-ia que era novamente digna da sua confiança. Reclamaria o anel do sofrimento — e o poder que encerrava —, que lhe pertencia por direito.

Esta mão nova era o primeiro passo na direção desse objetivo.

— *Na'am*, vais sair-te muito bem, não vais? — Zafir riu-se baixinho.

Tatiana teve vontade de o esbofetear até aquele tom condescendente se transformar num grito por misericórdia. Era muito diferente de Mikkel, sem dúvida. Os talentos de Mikkel nas artes negras eram excecionais. Claro, esses talentos não tinham conseguido manter vivo o seu amante anterior. E, se os talentos de Zafir na alquimia fossem tão

poderosos como ele afirmava, podia vir a revelar-se ainda mais útil do que Mikkel. Se falhasse no cumprimento da sua promessa, talvez ela desse uma oportunidade ao irmão. Pelo menos, Zafir estava à altura de Mikkel na cama.

A vida ensinara-lhe rapidamente que prazer e poder eram as únicas verdadeiras recompensas pela dor. O rosto da sua doce Sofia passou-lhe pelos olhos, algo que acontecia cada vez mais frequentemente desde o seu confronto com Malkolm. Vê-lo despertara o passado. Aperitou o medalhão que tinha ao pescoço.

— Despacha-te.

— Como queiras. — Zafir colocou a prótese de platina, meticulosamente construída, encostada ao pulso cicatrizado. A mão reluzente estava aberta, as linhas e rugas na sua palma eram uma imagem invertida da mão esquerda de Tatiana, pela qual fora moldada. O metal quente fora banhado no seu sangue para selar melhor a magia.

Zafir pintou o coto do seu pulso com uma pasta malcheirosa que ardia ligeiramente, depois ajustou a prótese para que o metal tocasse na pele. O metal estava frio, mas o seu corpo só estava quente porque se alimentara do seu comar antes de vir, para ganhar forças.

Com uma colher de vidro, Zafir retirou um pó prateado de um frasco de vidro quadrado e salpicou-o sobre a junção.

A dor atingiu-a numa vaga escaldante.

Um grito escapou da garganta de Tatiana e ela puxou o braço, em agonia, mas Zafir segurou-o com força, mantendo-o encostado ao metal.

— Não te podes mexer, meu amor.

O fogo percorreu-lhe o braço e mordeu-lhe o ombro. Lava deslizou pelas suas articulações, derretendo-lhe os ossos com uma dor enlouquecedora. Cerrou os dentes para não vomitar.

Ela conseguia aguentar isto. Suportara a forma agonizante como os Castus Sanguis tinham usado o seu corpo e a sua mente, e voltaria a suportá-lo se isso fosse o necessário para reconquistar a boa vontade deles. A única coisa que importava era o poder profano que eles possuíam, e que parte desse poder fosse seu. *A dor ilumina a mente.*

As chamas lambeiram-lhe a pele. Fios de fumo ergueram-se da junção entre carne e metal. Formaram-se bolhas, que se encheram de

fluido. As suas presas perfuraram o lábio inferior e o sabor a cobre invadiu-lhe a boca.

— Está quase — encorajou Zafir. — Linda menina.

Matá-lo talvez aliviasse a dor. Ela não era menina nenh...

Lâminas afiadas cravaram-se no coto do seu pulso, rasgando os músculos e penetrando no osso. Tatiana gritou uma impreciação. Depois gritou de novo. E precisamente quando estava prestes a enterrar os dedos no peito de Zafir para lhe arrancar o coração, a dor desapareceu, deixando apenas um latejar difuso.

Puxou o braço, libertando-o da mão dele.

— Fazes alguma ideia de como isto...

Ele soltou uma gargalhada triunfante e apontou.

— O que achas?

Tatiana seguiu o olhar dele até ao punho de platina na extremidade do seu braço. Pensou em abrir a mão. A mão abriu-se. Agitou os dedos — os seus dedos — e os dedos brilhantes de platina moveram-se. Saltou da marquesa, a dor esquecida.

— Oh, Zafir, isto é brilhante. — Olhou para o seu próprio reflexo na palma da mão. A dor parecia sempre torná-la mais bela.

Ele sorriu, mostrando as presas. Algo no contraste entre aqueles dentes brancos e compridos e a pele escura causou um arrepio perverso em Tatiana. Zafir era um diabo atraente. Sendo diabo a parte mais importante dessa frase.

— Há mais.

— O quê?

Ele fechou os braços à volta da cintura dela e virou-a para si. Roçou a boca, fria por não se alimentar há algum tempo, na curva do pescoço dela.

— Pensa numa espada, meu amor maravilhoso.

— Espada?

— Sim. Numa cimitarra afiada ou numa catana mortífera. O que te agradar mais. — As presas dele roçaram-lhe na pele e Tatiana estremeceu de prazer.

— Muito bem. — Pensou na pesada espada que o marido, Malkolm, usara em tempos na sua ocupação mortal de carrasco. Sempre admirara aquela arma. Devia tê-la usado nele. Mas esta não era altura para

se entregar ao peso do passado. Concentrou-se na imagem que tinha na cabeça.

Um formigueiro percorreu-lhe o braço, a partir da mão nova. Ergueu-a para a luz. O que estava a acontecer? O formigueiro tornou-se uma pressão e os dedos começaram a fundir-se uns nos outros.

Susteve a respiração, sufocada pelo ar pesado do laboratório de Zafir.

— O que...

— Espera — tranquilizou-a Zafir. Apertou-a mais contra si, como se achasse que ela podia fugir. Ou virar-se contra ele. Muito esperto.

Os dedos de Tatiana uniram-se e alongaram-se, transformados numa faca reluzente, e depois alongaram-se mais ainda, até a lâmina ser uma réplica da imagem na sua cabeça.

— Raios! — Tatiana ficou calada, consciente de que tinha a boca aberta de espanto.

Ele riu-se baixinho, lançando vibrações pela sua pele.

— No futuro, não devias duvidar de mim, minha querida. — As suas mãos desceram até à bainha da blusa de seda de Tatiana e voltaram a subir, desta vez por dentro.

Tatiana empurrou-o com os cotovelos e libertou-se do abraço, sem tirar os olhos da espada que crescia no seu pulso. Cortou o ar com ela. Perfeitamente equilibrada.

— Espantoso. Como é isto sequer possível?

Ele encolheu os ombros.

— Algum mágico revela os seus segredos? Claro, este tipo de magia tem um preço.

Sussurrou algo em árabe enquanto a puxava de novo para os seus braços. A espada encolheu e transformou-se de novo numa mão.

Ela ergueu uma sobrancelha, com um arrepio de desconfiança a percorrer-lhe a espinha.

— Como fizeste isso?

— Não sou nenhum idiota — respondeu ele, beijando-lhe a face.

Ela também não era. O facto de Zafir ter incluído na magia uma forma de a controlar enraiveceu-a de forma irracional. Começou a ver tudo vermelho. Teria sido Lorde Ivan que o mandara fazê-lo? Se assim fosse, ambos mereciam morrer. Ninguém ditava o que ela fazia ou não fazia. Ninguém.

— Que preço é esse de que falas?

— O único pagamento que peço é que continues a dar-me o que me tens dado. — Apertou o corpo dela contra os músculos duros do seu. — Se o Nasir me visse agora, ficaria cheio de inveja.

Mal conseguindo conter a vontade de lhe rasgar a garganta, Tatiana inclinou a cabeça para trás e deixou-o beijar-lhe o pescoço. Como se atrevia a pensar em controlá-la?

— O Nasir sabe o que fizeste por mim? — Insistira para que a relação entre ambos fosse um segredo, dizendo-lhe que não estava preparada para ser alvo dos olhares da sociedade enquanto não tivesse a mão nova.

— Hum — sussurrou Zafir contra a pele dela. — E dar-lhe uma desculpa para me dizer como devia fazer as coisas? *Laa*, minha querida, tu és um segredo só meu.

— Ótimo. — Nesse aspeto, a avaliação de Lorde Ivan fora correta. Os dedos metálicos acariciaram o peito de Zafir, desenhando círculos sobre o seu coração parado. — Há uma coisa que precisas de saber a meu respeito.

— O que é? — Ele baixou os olhos para o peito dela.

Tatiana endireitou-se.

— Ninguém me controla. — Não detivera qualquer controlo sobre a sua vida enquanto fora mortal, e lutara demasiado para se apoderar do controlo da sua vida como vampiro para ver esse controlo fugir-lhe agora, mesmo que numa coisa aparentemente insignificante.

Ele continuou com o rosto escondido no pescoço dela, a sua boca ávida sobre a pele macia.

— Claro que não, minha preciosa.

— Retira os controlos que incluístes na mão.

Ele riu-se.

— Pensas que sou idiota? Dar-te um poder tão grande livremente? Não.

Ela prendeu os dedos no cabelo dele e puxou-lhe a cabeça para trás.

— Má decisão. — Os dedos metálicos pararam, encostados ao peito dele. — Espada — sussurrou.

Zafir arregalou os olhos quando a lâmina o feriu. Agitou-se uma vez e depois desintegrou-se num pequeno monte de cinzas.

Tatiana transformou a espada de novo numa mão e abanou a cabeça enquanto olhava para o monte de fuligem no chão do laboratório.

— Esperemos que o teu irmão não seja tão estúpido como tu. — Gostava de inteligência nos seus amantes, mas não tanta que a ambição deles se sobrepusesse à sua. Precisava de devoção, não de competição.

Deitou ao chão alguns bicos de Bunsen, ficando apenas o tempo suficiente para se certificar de que o incêndio apagaria todos os vestígios das suas ações. A lei dos vampiros decretava que matar outro nobre era um crime imperdoável. Tatiana acreditava que o único crime era ser apanhada.

Saiu discretamente e puxou o capuz para o rosto, mantendo-se na sombra do alpendre. Esta parte de Corvinestri estava deserta, até onde conseguia ver as ruas calcetadas. Zafir não era um membro rico e poderoso da família St. Germain e o bairro onde vivia era um reflexo disso, algo que se revelava agora muito conveniente para Tatiana.

Afastou-se na noite e escondeu-se num beco escuro até ver chamas nas janelas e luzes a acenderem-se na casa do lado. Talvez a parede de pedra entre os dois edifícios estivesse já a ficar quente. Do seu esconderijo, dispersou-se numa nuvem de vespas pretas e solidificou de novo, com grande sentido teatral, à porta de Zafir.

Bateu bem alto, e gritou:

— Zafir, Zafir, estás em casa?

Após esperar um instante, bateu novamente.

— Zafir, tens de sair!

Os vizinhos começaram a sair das suas casas.

Satisfeita com a quantidade de testemunhas, Tatiana inclinou a cabeça para trás e gritou:

— Fogo!

:::::

— Não consegui nada. E tu? — Malk encostou-se à balaustrada enferrujada do velho cargueiro. Seguiu com o olhar a fita prateada do luar na água, para além dos outros cargueiros abandonados que enchiam